

Teoria, metodologia e política no fazer dos intelectuais africanos

Michelle Cirne¹

Teoria, metodologia e política no fazer dos intelectuais africanos

Resumo: Este artigo apresenta uma investigação em andamento sobre as condições sociais de produção das ciências sociais no continente africano, a partir do CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África. A partir da produção contemporânea, realizada no âmbito dessa instituição, temos acesso aos debates nos quais os intelectuais africanos das ciências sociais refletem sobre o seu próprio fazer, na busca de um caminho entre a perspectiva de uma singularidade africana e o diálogo com o pensamento produzido em outras partes do mundo, inclusive no Norte.

Palavras-chave: África; intelectuais; ciências sociais; epistemologia.

Theory, methodology and politics in the making of african intellectuals

Abstract: This paper presents an ongoing investigation into the social conditions of production of the social sciences in Africa, from CODESRIA – Council for the Development of Social Science Research in Africa. From the contemporary production within the scope of this institution, we have access to debates in which African intellectuals of the social sciences reflect on their own doing, in search of a path between the prospect of an African singularity and the dialogue with the thought produced elsewhere in the world, including the North.

Keywords: Africa; intellectual; social sciences; epistemology.

Teoría, metodología y la política en la elaboración de los intelectuales africanos

Resumen: Este trabajo resulta de la investigación en curso sobre las condiciones sociales de la producción de las ciencias sociales en África, desde el Consejo para el Desarrollo de la Investigación en Ciencias Sociales en África (CODESRIA). Desde la producción contemporánea dentro de esta institución, tenemos acceso a debates en los que los intelectuales africanos de las ciencias sociales reflexionan sobre su propia obra, en la búsqueda de un camino a través de la perspectiva de una singularidad de África y el diálogo con el pensamiento producido en otras partes del mundo, incluyendo en el Norte.

Palabras clave: África; intelectual; las ciencias sociales; la epistemología.

Introdução

Este ensaio procura trazer um pouco de um olhar antropológico dentre os estudos que são realizados no Brasil sobre o continente africano, tratando de um tema essencial, mas bastante desconhecido: como os cientistas sociais africanos pensam o seu próprio continente? E como refletem sobre o seu próprio fazer? É possível pensar em uma produção original em ciências sociais, vinda da África?

¹ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - USP.

Este texto se faz através de uma pesquisa em andamento realizada como doutorado em Antropologia, que tem como um de seus objetivos principais a investigação sobre as temáticas, motivações, interpretações e as condições sociais de produção das ciências sociais no continente africano, a partir da produção recente que é realizada no âmbito e com o apoio do CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África – cuja sede encontra-se em Dakar, capital do Senegal, e que existe desde 1973 para reunir conhecimentos, promover a pesquisa e proteger a liberdade intelectual e a autonomia dos cientistas sociais africanos (no CODESRIA e nesta pesquisa a expressão ciências sociais aparece em seu sentido amplo – como ciências humanas – pois inclui também a história, a filosofia, a economia, entre outras disciplinas).

Uma das primeiras motivações teóricas desta pesquisa vem da ideia de “tradução” utilizada por autores como Homi Bhabha (2001) e Stuart Hall (1999). A pesquisa aposta em um determinado e paradoxal² lugar privilegiado ocupado pelos intelectuais africanos, pois considera-os como homens e mulheres “traduzidos” que trilham pontes e estão em um “entre-lugar”, entre as experiências originais de suas localizações africanas e a experimentação e formação no interior dos cânones das disciplinas acadêmicas ocidentais, e que essa “transferência” de conhecimentos de um lado para o outro é a “forma como o novo entra no mundo” (seguindo Bhabha e citando Salman Rushdie). Segue a linha dos que se perguntaram sobre os caminhos possíveis para criações originais nos estudos teóricos das humanidades feitos pelos intelectuais africanos – como construir outras epistemologias?

A análise em profundidade de casos determinados é adequada para as interpretações pretendidas, pois o estudo da trajetória de uma posição ocupada no campo científico tem a relevância que nos mostrou Pierre Bourdieu (1983), na sua análise da autoridade científica como produto da capacidade técnica aliada ao poder social. Posso citar, inicialmente, três autores que fazem parte da elite intelectual do continente e que tiveram postos de gestão do CODESRIA: o cientista político camaronense situado atualmente na África do Sul Achille Mbembe, o também cientista político nascido em Uganda Mahmood Mamdani, e o antropólogo camaronense, localizado atualmente na África do Sul, Francis Niamnjoh. Mamdani é professor na Makerere University, de Uganda, e também na Columbia University, dos Estados Unidos. Tem obras publicadas como “*Academic Freedom in Africa*”, “*Imperialism and Fascism in Uganda*”, “*African Studies in Social Movements and Democracy*”, e seu livro “*Citizen and Subject: Contemporary Africa and the Legacy of Colonialism*” recebeu o prêmio Herskovitz de 1997. Mamdani foi eleito, em 2008, como o nono intelectual público mais influente do mundo, em uma lista de cem nomes, pela *Prospect Magazine*, do Reino Unido, e *Foreign Policy*, dos Estados Unidos. Niamnjoh despertou interesse por ser antropólogo e por ter sido *head of publications* do CODESRIA entre 2003 e 2009. Niamnjoh é professor na Universidade de Cape Town e possui um portal na internet (<http://www.nyamnjoh.com/>) no qual disponibiliza seus textos e vídeos de palestras. Na capa deste portal podemos encontrar um artigo do autor intitulado “*Blinded by sight: divining the future of*

² Paradoxal por ser considerada pela pesquisa a condição de subalternidade atribuída ao continente africano (MBEMBE, 2000).

anthropology in Africa”, publicado pela revista alemã Africa Spectrum, que posteriormente convidou sete outros intelectuais para debater o artigo de Nyamnjoh; todos estes textos estão disponíveis no portal do antropólogo, e há ainda uma tréplica de Nyamnjoh. Este autor foi premiado como “*African Hero*” no ano de 2013 pela African Student Union da Universidade de Ohio, dos Estados Unidos.

Mas é com Achille Mbembe que inicio minha investigação. Professor de história e ciência política, atualmente na University of Witwatersrand, de Johannesburg, na África do Sul, Mbembe tornou-se, no decorrer de sua carreira, um dos intelectuais africanos contemporâneos de maior reconhecimento, no continente e fora dele. Além disso, Mbembe ocupou a função de diretor executivo do CODESRIA, de 1996 ao ano 2000. A produção deste autor é extensa, entre livros, artigos, entrevistas e outros materiais. Um de seus primeiros livros foi publicado na França, em 1988, chamado “África Insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial”, e recebeu uma edição em português (através de uma parceria entre uma editora angolana e outra portuguesa) em 2013. Neste livro, Mbembe investiga a “capacidade inventiva” dos africanos nos campos religioso e simbólico, “cuja lógica se afasta largamente dos aparatos oficiais (...) e põe em causa a pretensão de hegemonia das religiões monoteístas”. O autor afirma que a “conversão” religiosa das sociedades africanas subordinadas politicamente desde o colonialismo foi seletiva, e que ponderaram “permanentemente as perspectivas de ganhos e lucros simbólicos e materiais propícios à troca dos idiomas religiosos ancestrais pelos idiomas dos vencedores” (MBEMBE, 2013, p. 16).

Mas a obra mais repercutida e comentada de Achille Mbembe é do ano 2000, publicada praticamente ao mesmo tempo por uma editora francesa e outra estadunidense: “*De la postcolonie: essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine*”. Neste livro, o autor realiza uma forte crítica ao imaginário ocidental sobre o continente africano, quando, influenciado pela leitura de Lacan, afirma ser a África o inconsciente do Ocidente, o seu Outro, a “antítese contra qual o Ocidente representa a origem de suas próprias normas” e “elabora uma imagem de si mesmo” (MBEMBE, 2000, p. 32). No discurso ocidental, “a África não tem as coisas e os atributos que ‘são próprios da natureza humana’ possuir. Ou, quando ela os possui, se trata, em regra geral, de coisas e de atributos de menor valor, de nível pouco elevado e de pior qualidade” (MBEMBE, p. 8). Mbembe, por conseguinte, analisa o percurso de seus próprios pares, os pensadores africanos, pois é a partir deste e contra esse imaginário que o discurso dos africanos sobre a África se desenvolve. Assim, afirma ele, “a incondicionalidade da autopoção do eu ocidental e sua negação ativa de tudo o que não reconduza a si tiveram, por contra efeito, reduzir o discurso africano a uma simples reafirmação polêmica da humanidade negra” (MBEMBE, p. 25). Mbembe também critica as pesquisas ocidentais sobre as populações africanas que são feitas com pouco cuidado e aprofundamento, a partir de uma matriz das ciências econômicas e políticas que repete os jargões do capitalismo contemporâneo (desenvolvimento, ajuda internacional etc.) sem atentar para o que realmente são e o que realmente querem as sociedades africanas. É prometendo conteúdos que preenchem essa falta que o autor apresenta seu livro. Para

³ Texto da contracapa do livro.

experimentar um pouco da escrita envolvente deste autor, reproduzimos o trecho a seguir, quando em mais um momento se refere ao imaginário ocidental sobre o continente africano:

figura acéfala ameaçada de loucura e estranha a toda noção de centro, de hierarquia e de estabilidade, a África seria esta imensa caverna tenebrosa onde viriam se embaralhar todas as referências e todas as distinções, e se revelariam as fendas de uma história humana trágica e infeliz: desordem de semi-criação e de incompletude, estranhos signos, movimentos convulsivos, em resumo, abismo ilimitado no oco do qual tudo que se faz se faz sob a forma do tumulto, do desprotegido e do caos primordial (idem, p. 36, tradução minha).

Esse livro recebeu um *compte rendu* da historiadora francesa, especialista em África, Catherine Coquery-Vidrovitch, publicado pelos *Cahiers d'Études Africaines* em 2002, no qual a pesquisadora, ao mesmo tempo que cita outra análise sobre a pena de Achille Mbembe, segundo a qual sua escrita é ao mesmo tempo “descritiva, crítica, analítica e poética” e “a frase se faz arte” (KABASELE, 2001), afirma que a maior parte das páginas do livro são dedicadas a analisar o olhar do Branco sobre o Negro, destruindo a possibilidade de um olhar do interior. Além disso, questiona que, “curiosamente”, Mbembe cita, na introdução, em interrogações filosóficas, vários autores ocidentais como Foucault, Nietzsche, Heidegger etc., e pouco cita filósofos africanos contemporâneos como Paulin Hountondji e Valentin Mudimbe.

É de 2001 o único texto de Achille Mbembe publicado no Brasil, o artigo intitulado “As formas africanas de auto-inscrição⁴”, que encontra-se na revista Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Cândido Mendes. Nele, o autor aprofunda a crítica aos discursos intelectuais africanos, especialmente aos que intencionam construir uma identidade africana unificada, já iniciando o texto afirmando que, no pensamento africano, “não há nada que se compare, por exemplo, à filosofia alemã” (MBEMBE, 2001, p. 173), para em seguida afirmar que foram “o ‘economicismo’, com sua bagagem de instrumentalismo e oportunismo político, e o fardo da metafísica da diferença” (MBEMBE, 2001, p. 173) que impossibilitaram o desenvolvimento adequado e de certa forma autônomo do pensamento africano. Mesmo assim, neste texto, Mbembe faz uma crítica interna aos pensadores que recusaram tratar do papel do continente no tráfico de escravos, como no trecho a seguir:

para os primeiros pensadores africanos modernos, a libertação da situação de servidão era equivalente, acima de tudo, à conquista do poder formal. A questão filosófica e moral fundamental – ou seja, como renegociar um laço social corrompido por relações comerciais (a venda de seres humanos), pela violência das guerras sem fim e pelas catastróficas conseqüências do modo pelo qual o poder era exercido – era considerada secundária. A crítica africana não assumiu como sua tarefa primordial uma reflexão política e filosófica sobre o caráter das disputas internas que acarretaram o tráfico de escravos. Menos ainda se preocupou com as modalidades de reinvenção da convivência em uma situação na qual, com relação à filosofia da razão que ela afirmava partilhar, todas as evidentes aparências de uma vida humana pareciam inexistir, e o que parecia ser política tinha mais a ver com o poder de destruir e de lucrar, do que com qualquer tipo de filosofia da vida ou

⁴ Tradução do original “A propos des écritures africaines de soi” publicado pela revista Politique Africaine, número 77. Uma busca pela entrada “Mbembe” no portal eletrônico desta revista aponta 133 itens, entre escritos e citações.

razão.” (MBEMBE, 2001, pp. 180-181).

No ano de 2010, foi lançado “*Sortir de la grand nuit*”, livro no qual Achille Mbembe volta a tratar da África enquanto pós-colônia, analisando como os movimentos de esperança que foram as lutas pelas independências deixaram como fruto as ditaduras políticas. A resenha desse livro, presente em um portal eletrônico das ciências sociais francófonas, o *Liens Socio*, de autoria do sociólogo do Benin Elieth P. Eyebiyi, permite perceber que o pensamento de Mbembe transita entre a crítica às antigas potências que mudaram “*le forme de l’opression sans en modifier la substance*” (EYEBIYI, 2010) e a crítica interna aos intelectuais africanos, que “*n’ont pas réussi à dépasser le chaos, se contentant d’un saupoudrage étonnant: la démocratie est mise en pratique sans pensée démocratique*” (EYEBIYI, 2010). Ele convida os intelectuais a reinvestir em um projeto de “*une transformation radicale d’un continent*”, pois entende que, apesar da corrupção na esfera pública, da ideia do desenvolvimento que é apenas discursiva, e do papel histórico do colonizado como co-produtor da colonização, novas dinâmicas sociais nascem a partir das populações estigmatizadas. Outro texto encontrado sobre o livro foi uma nota de leitura escrita pelo vice-presidente da Liga dos Direitos do Homem, Gilles Manceron, e ambos os textos ressaltam que, apesar dos problemas de que trata o livro, a abordagem de Mbembe é positiva. Mbembe registra as novas sociedades africanas que nascem realizando “*des synthèses nouvelles, des réassemblages, sur le mode de la redistribution des différences entre soi et les autres et la circulation des hommes et des cultures*” (MANCERON, 2011). Para Mbembe, essas sociedades criam um universo “crioulo”, constituindo a base de uma modernidade que ele denomina de “afropolitana”. Gilles Manceron é mais um leitor/analista que sublinha sobre a escrita particular de Mbembe, feita em “*une langue tantôt sobre, tantôt incandescente et poétique*” (MANCERON, 2011).

Foi recentemente lançado, em outubro de 2013, mais um livro de Achille Mbembe, *Critique de la raison nègre*. Nesta última obra, o autor reflete sobre o capitalismo contemporâneo, trazendo a ideia de que o homem-mercadoria que foi o escravo agora se espalha por todas as populações mundiais que ele denomina de subalternas, pois vivem no tempo da divinização dos objetos (tecnológicos). É a era na qual capitalismo e animismo se fundem, afirma Mbembe. Entretanto, como a Europa não é mais o centro do mundo, esse deslocamento abre novas possibilidades para o pensamento crítico, e nesse novo lugar aparece o continente africano e suas sociedades que possuem a “*capacité d’adaptation, de circulation transfrontière, et même de son esprit commerçant qui n’est pas forcément capitaliste*”.

Por último, Achille Mbembe foi convidado pelo Festival de Arte Contemporânea Sesc – Vídeo Brasil a palestrar em São Paulo em dezembro último, mas o evento foi cancelado uma semana antes. Mas reproduzimos abaixo o texto de divulgação da palestra, intitulada “Afropolitanismo”, presente no portal do Sesc São Paulo, no qual percebemos o desenvolvimento da perspectiva presente em seus dois últimos livros:

⁵ Entrevista com Achille Mbembe publicada no *Libération* (http://www.libération.fr/monde/2013/11/01/est-negre-une-large-partie-de-l-humanite-qu-on-pourrait-qualifier-de-subalterne_943969, Acessada em 13/12/13).

como habitar múltiplos mundos simultaneamente? Para o pensador camaronês Achille Mbembe, as respostas para uma das questões-chave do nosso tempo podem estar nas dinâmicas do continente africano e sua história de múltiplas migrações e deslocamentos. É preciso reimaginar a África em ‘circulação, cultura fluida e aberta para o mundo e para o novo, constelação crioula que se denomina afropolitana’, afirma”⁶.

O debate no qual os intelectuais africanos refletem sobre o seu próprio fazer, que é um debate posto entre eles, me surpreende por não reverberar nas ciências sociais brasileiras. Um exemplo desta ausência é o próprio artigo “As formas africanas de auto-inscrição”, citado acima, um dos raros textos sobre a temática traduzido e publicado no Brasil. Este artigo suscitou uma seção especial de debates na revista *Public Culture*, da Duke University de Nova Iorque, com onze artigos de cientistas sociais africanos e do hemisfério norte, a mais uma tréplica de Achille Mbembe. No Brasil não houve repercussão que produzisse outros textos, até onde minha pesquisa alcançou.

Basta ultrapassar as fronteiras nacionais e já encontramos na América do Sul uma extensa pesquisa sobre o denominado “pensamento africano sul-saariano”, empreendida pelo filósofo chileno Eduardo Devés-Valdés, publicada em livro e traduzida para o português em 2008, através de uma parceria do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes com o CLACSO. Na obra, intitulada “O Pensamento Africano Sul-Saariano: conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e Asiático (um esquema)”, Devés-Valdés abarca pensadores e delinea escolas de pensamento nos 150 anos compreendidos entre 1850 e 2000. Como o próprio título da obra aponta, o autor tem como um de seus objetivos traçar conexões com outras expressões do pensamento periférico, e este grande panorama montado por Devés-Valdés, que vem acrescido de “cartografias do pensamento” e de uma lista de autores no que ele denomina “pílulas biográficas”, certamente poderia ser utilizado em disciplinas de graduação que tratem das ciências sociais pelo mundo.

Fora do continente africano, é na Europa e nos Estados Unidos que encontramos a maior reverberação das discussões sobre os estudos relativos à África, em livros, revistas e centros de pesquisa especializados. O antropólogo francês Jean-Loup Amselle publicou um livro chamado “*L’Occident Décroché*” (2008), cujo propósito é analisar as diversas expressões do pensamento pós-colonial pelo mundo, que tem um capítulo dedicado às ciências sociais produzidas na África. Descrevendo obras e analisando autores como Samir Amin, Archie Mafeje, Paulin Hountondji, Thandika Mkandawire, foi neste livro que encontrei pela primeira vez um relato/versão do “caso Achille Mbembe”. Como vimos, Mbembe tem publicado de forma regular obras que vêm à luz por editoras francesas e estadunidenses, e assim podemos afirmar que é um dos autores africanos mais repercutidos no exterior. Entretanto, ou relacionado a isso, Amselle relata que tanto a gestão administrativa e financeira de Achille Mbembe como secretário executivo do CODESRIA quanto seus posicionamentos intelectuais suscitaram grandes contestações dentre o *mainstream* dos cientistas sociais africanos, de caráter mais marxista e afrocentrado. Nas palavras de Amselle: “*hostile à la fois au*

⁶ http://www.sescsp.org.br/programacao/17176_AFROPOLITANISMO, Acessado em 17/12/13.

'tout colonial', à l'afrocentrisme, à l'indigénisation africaine des sciences sociales, au marxisme, au nationalisme et à la propension des Africains à se poser en victimes, Mbembe a réussi à faire l'unanimité contre lui' (AMSELLE, 2008, p. 91). Na interpretação de Amselle, as críticas feitas por Mbembe no artigo sobre a auto-inscrição africana e no livro *De la postcolonie* rasuraram as problemáticas consolidadas sobre as quais os cientistas sociais africanos trabalhavam e que lhes permitiam “manter seus postos” dentre a comunidade universitária africana. Entre as críticas que Achille Mbembe sofreu, está a de ser bastante submisso à influência das ideias vindas do hemisfério norte – território dos antigos colonizadores e imperialistas.

O sociólogo senegalês, Aboubacar Abdoulaye Barro, publicou um artigo no qual retrata as características e analisa as questões concernentes ao CODESRIA (BARRO, 2010). No debate sobre as orientações intelectuais da instituição, novamente nos deparamos com as problemáticas suscitadas pela passagem de Achille Mbembe pelo posto crucial de secretário executivo do CODESRIA, e suas publicações seguintes. Para Barro, as questões levantadas por Mbembe em “As formas africanas...” não receberam respostas adequadas, pois o debate continuado nos Boletins do CODESRIA, publicação regular da instituição, concentrou-se em criticar sua gestão:

ce débat, qui aurait pu, sur le plan scientifique, être intéressant pour la communauté des chercheurs, a vite été parasité par des procès d'intention faits à l'auteur sur ses penchants idéologiques, et par une vive querelle à l'égard de sa gestion de l'institution. La controverse intellectuelle s'abâtardit rapidement dans une lutte pour le pouvoir.” (BARRO, 2010, p. 64).

Assim, segundo Barro, foi ocultado um debate que seria bastante salutar para a geração mais jovem de pesquisadores que não vivenciaram a colonização e estão longe do “radicalismo” e do “nacionalismo” das décadas anteriores.

Tanto Barro quanto Amselle relembram a abertura para os pesquisadores não-africanos que foi dada na gestão de Achille Mbembe. Em 1998, foi organizada na África do Sul a conferência “Globalização e Ciências Sociais em África”, cujo título já demonstra a tendência à internacionalização promovida por Mbembe, mas que, segundo Barro, teria desequilibrado completamente as finanças do Conselho; mesmo que, sob a direção de Membe, jamais o CODESRIA tenha recebido tantas doações. No texto de Amselle, encontramos uma citação de Rodwin Rapando Murunga, que em um boletim do CODESRIA relatou que *“en 1998, Mbembe a organisé un colloque en Afrique du Sud au cours duquel les chercheurs africains invités n'ont servi qu'à discuter les communications présentées par des collègues du Nord”*. Os dois autores, Amselle e Barro, também revelam que essas controvérsias intelectuais e lutas pelo poder refletem pontos críticos nodais da instituição: uma política de cotas na distribuição dos postos no seu interior, nas palavras de Barro; e um conflito entre uma corrente de pesquisadores francófonos e outra de pesquisadores anglófonos, segundo Amselle.

É então nesse “entre-lugar” localizado entre obras, pensadores, interpretações e uma instituição central em que eu me encontro. Entre realizar uma historiografia da instituição ou escolher obras determinadas para me focar nelas, minhas bases de entendimento sobre o fazer científico me

dizem que “os conflitos epistemológicos são sempre, inseparavelmente, conflitos políticos” (BOURDIEU, 1983, p.124), e que, como disse Edward Said, “ninguém jamais inventou um método para distanciar o erudito das circunstâncias da vida, da realidade de seu envolvimento (consciente ou inconsciente) com uma classe, um conjunto de crenças, uma posição social, ou do mero fato de ser membro de uma sociedade” (SAID, 2007, pp. 37-38). Além de “interpretar as interpretações”, a pesquisa também pretende investigar as condições sociais de produção do conhecimento em ciências sociais no continente africano, e para isso a compreensão da estrutura e modos de funcionamento da instituição certamente fornecerá chaves para esse entendimento.

No campo de uma antropologia da produção intelectual, encontramos em Clifford Geertz uma inspiração, na sua proposta de uma etnografia do pensamento moderno (GEERTZ, 1997), na qual a comunidade acadêmica é uma comunidade como tantas outras a ser estudada. Segundo Geertz, os teóricos da ação simbólica, com os quais ele tende a concordar, entendem o pensamento como “o resultado de uma manipulação intencional de formas culturais” (GEERTZ, 1997, p. 225) e, trabalhando com formas culturais, o estudo do pensamento “é (ou pelo menos deveria ser) um empreendimento histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, e um pouco escorregadiço. E seu objetivo é tornar assuntos obscuros mais inteligíveis, dando-lhes um contexto informativo” (GEERTZ, 1997, p. 227). A contribuição que a antropologia pode dar nesse estudo está em seus métodos específicos de descrição (“do mundo específico onde este pensamento faz algum sentido”) e de interpretação (das expressões de uma classe ou poder, “através das atividades que as sustentam”). Antropologicamente, uma etnografia do pensamento em uma comunidade acadêmica deve “dar atenção a assuntos tão complexos como a representação da autoridade, a demarcação de limites, a retórica da persuasão, a expressão de compromissos, e o registro da discordância”, e ainda ao modo “como suas normas são mantidas, seus modelos adquiridos, seu trabalho dividido” (GEERTZ, 1997, pp. 229-231).

Geertz descreve três metodologias de que podemos nos valer para a elaboração dessa “etnografia do pensamento”. A primeira delas é o uso de dados convergentes – descrições, observações de “fatos fora do comum, que são coletados em momentos oportunos e retratados de várias formas, e que, apesar disso, têm a capacidade de elucidar-se mutuamente” (GEERTZ, 1997, p. 233), e elucidam-se porque os indivíduos em uma comunidade acadêmica convivem de forma bastante isolada, no que Geertz denomina de “aldeias intelectuais”, e seu relacionamento “não é puramente intelectual, mas também político, moral, e intensamente pessoal (e hoje em dia, cada vez mais, também marital)” (GEERTZ, 1997, pp. 234-235).

A segunda das metodologias propostas pelo autor é o uso de categorias linguísticas que revelam-se “palavras-chave” ao abrir a porta que leva à compreensão da visão de mundo que contém em si⁷. Esta metodologia está presente nas primeiras etnografias da disciplina e continua trazendo

⁷ Algo similar ao que, em teorias de análise de discurso, entende-se como “marcas lingüísticas” (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

rendimentos para uma interpretação dos modos de organização social e, nesta pesquisa, as palavras-chave serão colhidas nos textos e entrevistas a serem analisados, ambos entendidos como discurso (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

E, por último, o que Geertz denomina por “interesse no ciclo vital” ressalta-nos a necessidade de vincular trajetórias de vida particulares a contextos maiores, nos quais as posições ocupadas e os relacionamentos para a ascensão e no entorno revelam algo, ou muito, de sua estrutura. O autor finaliza seu ensaio afirmando que uma etnografia do pensamento contribui com questões sérias como “o papel que desempenha esta ou aquela disciplina na sociedade contemporânea – e na educação contemporânea” (GEERTZ, 1997, p. 245).

A intenção é também apreender a produção de determinados cientistas sociais africanos contemporâneos como um discurso, à maneira proposta por Foucault (1996): quais as condições de produção de um discurso? Quais as condições da formação desses sujeitos como intelectuais? E como esses autores são repercutidos, lidos e avaliados? Como ensina Foucault, toda vontade de verdade precisa de prática pedagógica, que faça circular, certificar, recontar o discurso. Quais as estratégias e possibilidades dos autores africanos para que seus discursos circulem?

Outras questões que a pesquisa pretende responder e interpretar são, por exemplo, quais são as disciplinas e ferramentas metodológicas mais acessadas? Como ocorre a circulação e como se distribui o consumo da literatura de ciências sociais produzida interna e externamente ao continente? Como são problematizadas as diferenças internas ao continente e a relação com sua reunião sob um signo único, a “África”? De que maneiras vêm se processando as configurações da cultura e da prática política no continente africano atualmente, nas análises destes intelectuais? Onde estão, de onde provêm, e o que estão fazendo *as* intelectuais africanas? E, considerando o papel desempenhado pela antropologia no período de dominação colonial, qual é o estado recente desta disciplina no âmbito acadêmico africano?

A proposta de trazer à discussão a produção intelectual destes que denominamos de “homens traduzidos”, os pensadores do continente africano, tem como um de seus sentidos a inserção em um debate sobre a epistemologia que orienta o mundo ocidental e sua produção científica. De acordo com Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, “epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido” (SANTOS e MENESES, 2009, p. 9), e o colonialismo, “para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica” (SANTOS e MENESES, 2009, p. 7).

A discussão sobre as novas configurações sociais e culturais da contemporaneidade, na qual já se reconhece as diferenças em relação ao período conceituado como moderno e que designa-se habitualmente como *pós*-modernidade, faz parte do campo de muitos autores importantes para as ciências sociais. Dentre eles, Stuart Hall expõe, em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, uma nova concepção de sujeito no mundo globalizado. Segundo Hall, as identidades na

contemporaneidade estão e são fragmentadas e descentradas, no sentido que não há mais apenas um único centro pelo qual as posições de sujeito se guiam, ao contrário do sujeito unificado e formado pela razão iluminista do século XVIII. Em um mundo onde as informações circulam com grande intensidade e velocidade, as possibilidades de identificação se multiplicam, e desta maneira fragmentada se posicionam os indivíduos na contemporaneidade (HALL, 1999).

Homi Bhabha é também um autor que confirma a revisão epistemológica em curso na contemporaneidade:

a significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os ‘limites’ epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. (BHABHA, 2001, p. 24).

Ainda no interior do período “moderno”, e nas suas margens espaciais, a transformação se engendra:

a crítica pós-colonial dá testemunho desses países e comunidades [colonizados] – no norte e no sul, urbanos e rurais – constituídos, se me permitem forjar a expressão, ‘de outro modo que não a modernidade’. Tais culturas de *contra-modernidade* pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém, elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para ‘traduzir’, e portanto reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade (BHABHA, 2001, p. 26, grifado no original).

As discussões trazidas pelos intelectuais africanos podem contribuir com a construção de um conhecimento ampliado (NGOENHA e CASTIANO, 2011), pois concordamos com Homi Bhabha e seu entendimento do “entre-lugares”, o lugar privilegiado do que circula por diferenças, que, segundo o autor, pode criar postos inovadores de colaboração e inovação. Segundo ele, “o que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2001, p. 20).

Entendo a função de análise e interpretação da realidade social que cabe aos intelectuais, e destaco que, no que é interpretação, cabe também aos intelectuais *imaginar*, e assim possivelmente *produzir*, o que pode vir a ser. Desta forma, fazendo uma analogia com a ideia de Roy Wagner (2010) sobre a produção da cultura realizada pelos antropólogos, questiono: que “África(s)” estão inventando para si, para seus conterrâneos e para o mundo os cientistas sociais africanos?

Referências

AMSELLE, Jean-Loup. *L’Occident décroché: enquête sur les postcolonialismes*. Paris: Editions Stock, 2008.

BARRO, Aboubacar Abdoulaye. Cooperação científica et débat sur les “sciences sociales africaines” au CODESRIA. *Cahiers de la recherche sur l'éducation et les saviors* (on line). N. 9, 2010. Disponível em: <http://cres.revues.org/362> Acessado em fev./2013.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BOURDIEU, P. “O campo científico”. In: Ortiz, R. (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CAREGNATO, Rita e MUTTI, Regina. “Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo”. In: *Texto Contexto Enfermagem*, 15 (4), out-dez, 2006.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. “Mbembe, Achille. – De la postcolonie. Essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine. Paris, Karthala, 2000, 293 p., (“Les Afriques”).” *Cahiers d'études africaines*, 167, 2002. Disponível em <http://etudesafricaines.revues.org/1504>, acessado em 09/12/13.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *O Pensamento Africano Sul-Saariano: conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático (um esquema)*. São Paulo: CLACSO/EDUCAM, 2008.

EYEBIYI, Elieth P. “Achille Mbembe, *Sortir de la grand nuit. Essai sur l’Afrique décolonisée*”. *Lectures, Les compte rendus*, 2010. Disponível em <http://lectures.revues.org/1198>, acessado em 02/01/2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GEERTZ, Clifford. “Como pensamos hoje: a caminho de uma Etnografia do Pensamento Moderno.” In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KABASELE, Marcel. “Après Fanon: commentaires sur l’ouvrage d’Achille Mbembe”. In *H-Africa*, 2001. Disponível em <http://h-net.msu.edu/>, acessado em 03/01/2014.

MANCERON, Gilles. “Sortir de la grand nuit. Essai sur l’Afrique décolonisée. Un livre d’Achille Mbembe”. Note de lecture. *Hommes e Libertés*, 153, 2011. Disponível em http://www.ldh-france.org/IMG/pdf/H_L153_Agir_8., acessado em 23/12/13.

MBEMBE, Achille. *De la postcolonie: essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine*. Paris: Karthala, 2000.

_____. “As formas africanas de auto-inscrição”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, n. 1, 2001.

_____. *Sortir de la grande nuit: essai sur l’Afrique décolonisée*. Paris: La Découverte, 2010.

_____. *África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Ramada; Luanda:

Edições Pedagogo, Edições Mulemba, 2013 (primeira edição Paris: Karthala, 1988).

_____. *Critique de la raison nègre*. Paris: La Découverte, 2013.

NGOENHA, Severino E. e CASTIANO, José P. *Pensamento engajado: ensaios sobre filosofia africana, educação e cultura política*. Maputo: Ed. Educar, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Recebido em 14/06/2014

Aprovado em 29/07/2014
